

Genealogia, produção da subjetividade na sociedade contemporânea e internet: conversas com Nietzsche e Foucault¹

Genealogy, production of subjectivity in contemporary society and internet: conversations with Nietzsche and Foucault

FLÁVIA CRISTINA SILVEIRA LEMOS

Profa associada IV de Psicologia Social/UFPA; Bolsista de produtividade de pesquisa CNPQ-PQ2; Pós-doutora em Psicologia/UFF.
flaviacslemos@gmail.com

FELIPE SAMPAIO DE FREITAS

Doutorando em Psicologia/UFPA.
felipesampaiodefreitas@gmail.com

MARCELO MORAES MOREIRA

Mestre em Psicologia/UFPA. Professor de Psicologia na Faculdade Estácio Belém-PA.
marcelomoraesmoreira@yahoo.com.br

RACHEL DE SIQUEIRA DIAS

Mestre em Psicologia/UFPA. Coordenadora municipal de saúde mental, em Abaetetuba-PA.
rachelsiqueiradias@gmail.com

LETICIA LAGES ASSUNÇÃO

Mestranda em Psicologia/UFPA; Graduada em Filosofia/UFPA.
leticialages97@gmail.com

JOHN LENNON LIMA E SILVA

Mestrando em Psicologia/UFPA; graduado em História pela FIBRA/PA.
johnlennonlimasilva@gmail.com

RESUMO

A proposta deste artigo, escrito em formato de ensaio teórico é a de mostrar como a genealogia, enquanto um conjunto de operadores metodológicos de pesquisa nas ciências humanas pode ser uma eficaz forma para a análise de acontecimentos tecnológicos recentes, tais como: a internet. Busca-se como objetivo do trabalho, problematizar as práticas que potencializam uma analítica cultural, histórica, política, econômica e social da fabricação da subjetividade na relação com a tecnologia, em especial, da internet. Para tanto, inicia-se o texto com a elucidação da genealogia em algumas definições conceituais das ferramentas principais que a sustentam como campo filosófico contemporâneo e na conversa de dois pensadores que a desenvolveram e a utilizaram: Nietzsche e Foucault. O alemão conferiu importância à presença do “Si” nos estudos genealógicos, enquanto o francês fez questão de utilizar o método para aproximar seus efeitos à análise histórica e política da verdade. Ambos delimitaram que a genealogia não é busca por essências, mas sim o perscrutar de perspectivas e valores, em outras palavras, a relação entre poder, saber e subjetividade na história a favor do tempo e contra o tempo para desnaturalizar os dispositivos sóciotecnológicos.

¹ Recebido em 14 de abril de 2022. Aprovado em 10 de agosto de 2022.

Palavras-Chave: Genealogia. História. Poder. *Erlebnis*. Valores.

ABSTRACT

The purpose of this article, written in the format of a theoretical essay, is to show how genealogy, as a set of methodological research operators in the human sciences, can be an effective way to analyze recent technological events, such as: the internet. The objective of this work is to problematize the practices that enhance a cultural, historical, political, economic and social analysis of the fabrication of subjectivity in relation to technology, especially the internet. Therefore, the text begins with the elucidation of genealogy in some conceptual definitions of the main tools that support it as a contemporary philosophical field and in the conversation of two thinkers who developed and used it: Nietzsche and Foucault. The German gave importance to the presence of the “Si” in genealogical studies, while the French insisted on using the method to approximate its effects to the historical and political analysis of truth. Both delimited that genealogy is not a search for essences, but the scrutiny of perspectives and values, in other words, the relationship between power, knowledge and subjectivity in history in favor of time and against time to denaturalize socio-technological devices.

Keywords: Genealogy. History. Power. *Erlebnis*. Values.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é pensar o campo conceitual da genealogia por meio de alguns operadores metodológicos desta a partir das conversações de Nietzsche e Foucault na analítica da internet como produção da subjetividade contemporânea. O presente artigo emerge como um ensaio inicial e passa a ser melhor desenvolvido, enquanto escritura estratégica, nos entremeios da análise genealógica como percurso metodológico para fazer pesquisa em ciências humanas. Interrogar o plano histórico dos dispositivos sociais e tecnológicos da internet na imanência da produção política da verdade é um objetivo deste ensaio teórico e metodológico sobre a genealogia na transvaloração dos valores e ruptura das perspectivas essencialistas e finalistas da história. Logo, realizar uma história a favor do tempo e contra o tempo faz-se relevante na atualidade e aponta para um plano de perguntas de um pensar interrogante que destrói evidências e gera efeitos de insurgências inventivas nas relações com a internet, sem salvacionismos e sem pessimismos.

É possível afirmar que a genealogia se torna um operador de problematização para a análise de acontecimentos tecnológicos recentes, tais como: a internet na relação com os processos de subjetivação em correlação com as práticas sociais, políticas, econômicas e históricas no plano de composição do que passou a ser denominado sociedade da informação global. Para tanto, inicia-se elucidando o modo de funcionamento do método genealógico em termos de contracondutas, ou melhor, de um contra-método no sentido de uma crítica à neutralidade e abstração da verdade.

Com efeito, utiliza-se a genealogia, perpassando os principais pensadores que a desenvolveram e a utilizaram, especialmente, de Nietzsche e Foucault; sendo que o alemão conferiu importância à presença do “Si” nos estudos genealógicos e o francês fez questão de utilizar o método para aproximar seus efeitos à análise política. Ambos delinearão que a genealogia não é busca por essências, mas sim um perscrutar da produção política de uma história da verdade que realiza perspectivismos e desnaturaliza as práticas cotidianas.

2 CONVERSACÕES COM NIETZSCHE

Na atualidade, a genealogia é um modo de realizar usos de ferramentas metodológicas nas ciências humanas, em grande parte, isto se dá em razão da forma como seus principais percursores, quais sejam: F. Nietzsche, no século XIX, e, pouco tempo depois, M. Foucault, no século XX, terem-na desenvolvido ao longo de suas trajetórias intelectuais. O filósofo alemão estabeleceu alguns pontos de partida, no final da penúltima década do século XIX; a partir de então, apresenta-se e define o termo “genealogia” como seu modo de investigação (WOTLING, 2011, p. 43).

Logo, no “Prólogo” da *Genealogia da Moral (Zur Genealogie der Moral. Eine Streitschrift, 1887)*, Nietzsche expressa seu pensamento a respeito do patamar no qual estariam os sujeitos contemporâneos – sob o registro da denominada modernidade tardia na qual vivera –, os chamados “homens do conhecimento”, pondo em questão algo muito curioso, diz ele: “Quanto ao mais da vida, as chamadas ‘vivências’, qual de nós pode levá-las a sério? Ou ter tempo para elas? Nas experiências presentes, receio, estamos ‘sempre ausentes’: nelas não temos nosso coração – para elas não temos ouvidos” (GM/GM, “Prólogo”, 1). Aqui, é possível chamar atenção para uma palavra, *vivência* (do alemão, *Erlebnis*), precavendo nosso leitor para uma breve – mas necessária – digressão elucidativa a respeito do fazer genealógico. A *Erlebnis* (vivência) emerge no léxico alemão, em meados do século XIX, sob o molde de três chaves ou aspectos decisivos que, segundo Viesenteiner (2013, p. 142, 143).

Faz parte da vivência o caráter do imediato (*Unmittelbarkeit*), presente e necessário ao liame entre a vida e a vivência, no que tange a intensidade do “Si” nos acontecimentos mundanos, de modo a indicar que experiências não são adquiridas por meio do “ouvir falar” e, tampouco, advindas de legados e tradições, mas vividas e sentidas de modo imediato, sem que a construção de seu sentido seja advinda de algo que não o próprio evento em questão. Também a compõe, além disso, a ocorrência de uma vivência imediata que deve reportar uma

“significabilidade” (*Bedeutsamkeit*) ao sujeito. Em outras palavras, quer dizer que seu sentido deve ser recoberto de intensidade, conferindo “uma importância que transforma por completo o contexto geral da existência”; deste modo, a vivência de algo deve ter, como aporte para a vida, não somente o imediato da experiência, mas algo tal como uma *significância*. Em um terceiro aspecto, deve-se tomar como prioritária a análise da *Erlebnis*, segundo o ponto de vista estético, as vivências seriam, assim, impossíveis de serem analisadas racionalmente; tal intempérie nos apresenta historicamente a contraposição entre a filosofia que Nietzsche propunha, em relação às de cume metafísico, frias e racionais, “da *Aufklärung*” alemã; todas elas recobertas pela excessiva racionalidade moderna.

Finalmente, Viesenteiner pontua: “O anseio por uma relação imediata entre o homem e o mundo, cuja linguagem fosse capaz de exprimir a abundância de sentimento dessa *Erlebnis* não permite o uso de meios racionais que expliquem tal conteúdo” (2013, p. 143). Grosso modo, o significado contido no início da GM de Nietzsche é o do retorno à vida, em detrimento à longa passagem pela qual a filosofia ocidental transitara, ganhando diversas formas – cada vez mais racionais –, que expressaram, em nossa interpretação de sua filosofia, a não-vivência, ou, em simples termos, o solapamento dos sentimentos humanos perante a intensa conceitualização e universalização dos assuntos referentes à vivência: “... a nós se aplicará para sempre a frase: ‘Cada qual é o mais distante de si mesmo’ – para nós mesmos somos ‘homens do desconhecimento’...” (GM/GM, “Prólogo”, 1). Ou, se nos remetermos à tradição da pesquisa com Nietzsche, chegamos ao indicativo de que a genealogia desconsidera quaisquer ideias de fatos teleológicos e da busca de origens, que substituam a problemática da *verdade* (muito comum entre a tradição metafísica) em função da questão de um *valor* como natural, em termos morais da existência (WOTLING, 2011, p. 43).

Aqui, *verdade* está intimamente ligada à ideia de fixidez, isto é, de estaticidade moral dos sujeitos, fator que os entrega certa segurança: “Seu ‘sentido de verdade’ é no fundo um ‘sentido de segurança’” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 163); o qual Nietzsche procura entender indo à sua “raiz” genealógica, procurando as razões para uma, cada vez mais latente, “exigência de veracidade” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 163) Este é o momento em que Nietzsche trata da inversão da problemática da verdade, pela do valor, como proposta argumentativa. Vejam o que o próprio filósofo menciona ainda no “Prólogo” de sua GM:

Enunciemo-la, esta *nova exigência*: necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, o *próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* – para isto é necessário um conhecimento das circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram [...] um

conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado. (GM/GM, “Prólogo”, 6)

É deste modo que o genealogista busca efetivar seu método, recusando a tradicionalidade da busca pela essência, ou, como é possível verificar mais adiante, colocar em xeque a ideia de “origem”. A genealogia figura, então, como uma “investigação regressiva que visa a identificar a fontes produtoras de um valor ou de uma interpretação” (WOTLING, 2011, p. 43). Destarte, deve-se reiterar que a GM trata, então, de uma história da moralidade Ocidental (SOMMER, 2019).

Como muito bem pontua Sommer (2019, p. 23), em seu *Comentários sobre a Genealogia da Moral de Nietzsche*, quando colocados, lado a lado, os prefácios de GM e de ABM (*Além do bem e do mal*), [eles] revelam a proposta filosófica nietzschiana de pôr o “eu” em sua “própria abordagem moral-histórica, identificando a origem do problema no horizonte de sua própria vida”, isto é, Nietzsche é, ele mesmo, personagem de sua genealogia; fator que expressa ainda mais sua contraposição às filosofias, diríamos, sob nossa própria responsabilidade, que se voltam à soberania do eu.

No caso da GM, como também se sabe, Nietzsche nos mostra a passagem e mudança “no tecido moral da humanidade, particularmente no mundo ocidental e Médio Oriente” dos valores (SOMMER, 2019, p. 23, tradução livre). Ora, entender que a moral se modifica, no espaço e no tempo, em cada cultura e sociedade implica em analisar as bases de seus arcabouços morais por meio de uma política da verdade perspectiva, em que a interpretação é sempre um apoderar-se por violência e nunca uma descoberta e/ou revelação. Assim, a vivência seria algo diferente em cada momento da passagem dos sujeitos pelo tempo histórico em termos de modo de subjetivação por meio de práticas de poder e saber.

3 CONVERSAS COM FOUCAULT

Foucault, manuseando os espólios de Nietzsche, deu continuidade a eles e entregou suas próprias nuances a este método, o reconfigurando. É vultosa a sua produção intelectual; repleta de momentos em que se atribui à genealogia a condição de motor das suas investigações. A título de exemplo, podemos citar, principalmente, a importante genealogia da prisão e dos métodos de punição das sociedades modernas, presentes em *Surveiller et Punir: naissance de la prison* (1975). Afora este exemplo, em tantas outras obras e cursos, do decorrer da década de 1970, até o ano de seu falecimento, em 1984, Foucault mobilizou a genealogia de maneira profícua e assídua para expressar e fundamentar seu pensamento a

respeito de como seriam formadas as subjetividades; isto é, o *como* e os *efeitos* de seus modos de objetivação e constituição.

Poderíamos dizer que o método genealógico se constitui tendo por base o empréstimo e o emprego de outras áreas das ciências humanas, dentre as quais: podemos destacar a história como uma das principais: “A genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos” (FOUCAULT, 2015, p. 55). Este olhar formaliza a maleabilidade de Foucault em se envolver com rigor e articulação em outros campos de pesquisa, sem se encerrar em quaisquer deles, tendo como prioridade sua exacerbação, muito mais do que seu resfriamento e definição. Sobre isso, coadunamos com as palavras de Muchail (2004, p. 24), quando diz que: “Podemos dizer que Foucault escreve com toda segurança sobre suas próprias incertezas e toda vez que aborda o trajeto de sua produção é para questioná-lo”. É claro que Foucault não utiliza literalmente as mesmas nuances de Nietzsche em seu roteiro filosófico-genealógico. Entretanto, a seta crítica que o filósofo alemão utiliza em sua “genealogia da moral”, de certo modo, é voltada às noções históricas universalizantes, principalmente se (observando os escritos de Foucault) a pensarmos em paralelo à filosofia de Hegel; veremos então que, deste modo, sob a mesma regra segue o filósofo francês. Nos lembramos quando de sua genealogia das governamentalidades liberal e neoliberal, Foucault, no curso de 1979, *Naissance de la biopolitique*, menciona o seguinte (sobre sua metodologia, frisando-a):

O historicismo parte do universal e o passa de qualquer modo pelo ralador da história. Meu problema é totalmente o inverso. Eu parto da decisão, simultaneamente teórica e metodológica, a qual consiste em dizer: supomos que os universais não existem, e aqui, eu coloco neste momento a questão à história e aos historiadores: como vocês podem escrever a história, se vocês não admitem *a priori* que algo como o Estado, a sociedade, o soberano e os sujeitos, existe? (FOUCAULT, 2004, p. 5, tradução nossa)

Dando prosseguimento à nossa discussão, à revelia do “retorno à origem” (*Ursprung*); Nietzsche desenvolve a ideia de “emergência” (*Entstehung*), como nos fala Foucault (2015). A “origem”, segundo o filósofo francês, objetiva o retorno ao início de supostos primórdios da noção de homem, até o limite em que não haveria mais artifícios práticos para pensá-lo; assim, restaria somente o conceito “homem” que, cada vez mais abstrato, tornar-se-ia algo sem sentido, em uma sociedade que amplia a racionalidade técnica da vida (MUCHAIL, 2004, p. 28).

O trabalho do historiador tradicional, cuja história “teria por função recolher em uma totalidade bem fechada sobre si mesma a diversidade”. Em linha contrária, seguiria o genealogista, o qual admite a pluralidade, negando uma identidade pura de “sentido ou essência”, abrindo portas à entrada da “multiplicidade de fisionomias” (MUCHAIL, 2004, p. 29). Assim, a “emergência”, então, nem de longe perpassa o caminho da “origem”: trata de pequenos eventos que ocorrem no decorrer da história, estando intrínseca, principalmente, às noções de poder, luta, governo etc (FOUCAULT, 2015). Esta proposição sustenta várias das teses de Foucault, na década de setenta, onde ele mostra as relações de poder enquanto estando imbricadas ao saber, e vice-versa; constituindo regimes de verdade, em uma tríplice ocorrência entre poder/saber/verdade. Sobre isso, muito oportunamente comenta Araújo (2008, p. 100): “Há na história a necessidade, o ocorrido, visto em sua exterioridade e acidentalidade”.

Enxergar a acidentalidade de um caso ou fato é aceitar as complexidades, particularidades e características de um dado limite histórico-social; e a pesquisadora continua: “O genealogista ouve a história e não a metafísica, recusa a essência, pois o que há é um jogo de forças e dentre elas está a própria verdade” (ARAÚJO, 2008, p. 100); esta última que figuraria, diríamos (de maneira livre), como *verdade do momento*. Tais heterotopias constituiriam a verdade (de um determinado momento), ou, tão bem quanto, segundo comentam Lemos e Cardoso Jr. (2009, p. 353), a subjetividade. Deste modo, pode-se entender que, em Foucault (e mesmo em Nietzsche), há a presença da reflexão da verdade enquanto parte de uma configuração histórica.

A perspectiva genealógica, segundo Lemos e Cardoso Jr. (2009), frisa uma não-continuidade histórica. Ora, por exemplo, é muito comum entendermos a história política, das ciências naturais, ou da medicina, através da ideia de que as mesmas só e somente progrediram e se “expandiram” de maneira constante e linear, através do tempo. O que Foucault constata é que, na história genealógica, os momentos são muito mais multifacetados; reticulados; ou esquadrinhados. Pensar assim permitiu a Foucault traçar a genealogia de diversos âmbitos de nossas vidas: da alma humana, como no já citado *Vigiar e Punir*; da sexualidade, na série *História da sexualidade* (que apresenta-se em quatro tomos); das cidades e suas redes de segurança, como no curso *Segurança, território, população* (1978), do racismo no curso *É preciso defender a sociedade* (1976) etc.

Assim, retrocedendo um pouco, percebemos que até 1969, ano da publicação de *A Arqueologia do Saber*, Foucault seguiu com o direcionamento arqueológico em suas

pesquisas, averiguando os discursos e sua validade; as formações discursivas, e tantas outras questões desta seara. No período em que lecionara no prestigiado *Collège de France* (em Paris), notou-se certa mudança no foco central de seu escopo teórico, a qual (dizem os intelectuais que se incubem de seus textos) não fora um movimento supressor da arqueologia, mas uma *mudança de tensão*, onde o pensador francês se mobilizou à investigação e ao elenco de novas prioridades; assim, complementando sua análise, sem excluir de vez o que trabalhara na década de sessenta (e, sobre isso, alguns nomearam de arqueogenealogia) (RABINOW & DREYFUS, 1995; GUTTING, 2005; MACHADO, 2007; ARAÚJO, 2008; CASTRO, 2009; GROS, 2017; CANDIOTTO, 2020).

Na década precedente aos seus quatro trabalhos iniciais, Foucault realçava a questão do discurso na fronteira entre o poder e o saber. Ele abordava o poder como uma rede que perpassava toda a sociedade e era da ordem dos jogos das relações de força – sob uma correlação do campo político no exercício cotidiano do poder –, acoplando-o ao que já havia sido dito no nível discursivo da arqueologia do saber, na década precedente. Tal percurso genealógico é, logicamente, inundado por forte diálogo com as apropriações nietzschianas.

Roberto Machado (2007, p. 215), que era amigo brasileiro de Foucault, explicou que o francês não “invalida o passado”. Na verdade, a questão sobre os saberes agora paira sob outro viés (não exclusivo e obliterante), que não o de “compatibilidades e incompatibilidades” via “positividades”, mas de “possibilidades externas aos próprios saberes”; (consecutivamente, aludindo às décadas de 60, 70 e 80, do pensamento de Foucault). Dito de outro modo, a inserção dos chamados “dispositivos” inaugurará uma série de debates na década de setenta, que se deve ao “termo nietzschiano”, chamado *genealogia* (MACHADO, 2007, p. 215).

As questões principais do texto “Nietzsche, a Genealogia, a História” têm muito a nos dizer, principalmente se levarmos em conta que este é o único texto no qual Foucault dedica inteiramente suas palavras ao filósofo alemão. Nele, segundo Castro (2008, p. 306), o francês coloca três questões: “1) Como diferenciar a genealogia da busca da origem? 2) Qual relação existe entre a genealogia e a história? 3) É possível uma genealogia da história?”. É sob tais nuances que se segue a exposição de Foucault no texto, pairando sobre as questões de Nietzsche na GM.

Doravante, a *Ursprung* (ou origem) histórica silencia-nos, desliga-nos, nos faz sacrificar as próprias vidas pela preocupação com a verdade: ela é a procura por algo recolhido em si mesmo, em “sua pura possibilidade” (FOUCAULT, 2015, p. 58). Assim,

Foucault não busca a verdade una, universal e absoluta (como já vimos), e que é carregada de sólida e fria forma conceitual. Se trata de aceitar a formatação de “verdades” e suas condições de existência, que desta vez estarão sob arremate da genealogia, esta que figura enquanto procedimento permeado de *descontinuidade*.

Este último termo possui diversas nuances na filosofia do francês. Suas distinções são, segundo Revel (2011): a que se dá em torno de seus trabalhos sobre literatura, devido sua aproximação com a obra de Roussel e Verne, que a ele emprestam toda a riqueza e a enigmática descoberta daquilo que é “inacabado”; acompanhado de uma “insatisfação” pelo que é unitário. A segunda gira em torno do eixo propriamente dito da história: Foucault tratava de sua descontinuidade – da mesma maneira como Georges Canguilhem fazia no entorno da história das ciências –, assim, aspirando a um método: os recortes epistêmicos, cujo objeto seria a concepção da história como uma “genealogia das descontinuidades”.

A terceira análise: a de sua proximidade com os historiadores da chamada Escola dos Anais, esta que modificou proficuamente a forma de se fazer história, sendo chamada de “nova história”, ou historiografia. A quarta, já aprofundada aqui, que versa sobre a influência do pensamento de Nietzsche sobre o seu: ao filósofo alemão, Foucault deve seu apego à importância das digressões, bifurcações, reviravoltas, acasos, dispersões, e sobretudo, àquilo que era esquecido pela história, como os sentimentos e a alma. É um aspecto, sob certo ponto de vista, “efetivo” nos liames da história, pois, de fato, é difícil buscar descontinuidades apenas estando sob moldes discursivos. Precisa-se, para isto, dos rastros “não-discursivos”. Lembremos que esta noção é escolhida a dedo por Foucault devido à própria filosofia de Nietzsche também ser, assim como a do *passador de fronteiras*, marcada por periodizações e mudanças de prioridades.

Isso auxilia no entendimento da afirmação célebre de Foucault, à qual a figura do homem passou a existir num dado recorte histórico, onde, com os saberes firmados a partir do século XVIII – do esclarecimento e filosofia crítica de Kant, bem como, da emergência de saberes como os das ciências humanas –, por exemplo, passou-se a lhe dar mais importância. Ora, não é que o homem tenha “vindo à luz” neste instante, mas sim, por ter recebido explicitamente o holofote dos saberes, conjugados às mais diversas relações de poder, num dado período histórico – como ilustra a famosa conclusão de *Les Mots et les Choses* (1966)

– que o homem “tornou-se” o que é, e, provavelmente, terá um “fim próximo”.² Agora, sob um balanço genealógico – que não exclui o arqueológico, mas que o complementa –, as relações de poder explicitam-se ainda mais além da tese dos anos sessenta, relações estas que “são efeitos de verdade produzidos por mecanismos e estratégias de poder, todos eles presentes em práticas sociais” (CANDIOTTO, verticais e heterotópicas).

Perante tudo o que fora exposto, cabe-nos o movimento de apropriação (como Foucault o fez tantas vezes em seu trabalho) das dinâmicas e do funcionamento disto que a genealogia representa na pesquisa em ciências humanas: a possibilidade e o aceite das vascularidades sociais; das malhas diversas de relações; da pluralidade de cores e nuances críticas nos discursos diversos. Ora, já que a genealogia lida com emergências e eventos que são frutos de uma época, bem como, são entendidos como tal, cabe-nos indagar (mesmo que de forma não decisiva, pois nosso objeto ainda é em si uma matéria que está longe de, em termos críticos, ser encerrada): quais as questões latentes, no nível de constituição de subjetividade, a *internet* promove na vida dos sujeitos contemporâneos?

4 A GENEALOGIA DA SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA E USOS DA INTERNET

Nos mais variados âmbitos, desde o século XVIII, os avanços técnicos têm impactado direta ou indiretamente tanto a vida íntima como a vida em sociedade. A invenção das máquinas a vapor, da eletricidade, do rádio, e, mais tardiamente, da televisão, figuram entre alguns relevantes exemplos de tecnologias que modificaram (e ainda modificam) a forma de execução de tarefas laborativas, algumas delas, que eram inclusive deveras custosas aos executantes. É neste sentido que podemos destacar a *internet* como um recente avanço técnico, por possuir não mais que algumas décadas de existência.

Falar dessa nova tecnologia, principalmente neste início da segunda década do século XXI, é uma tarefa que carrega consigo certos desafios metodológicos, os quais vão da multiplicidade de assuntos a serem debatidos; e, de outro lado, até mesmo à área em que se debatem tais assuntos. Muitos teóricos alertam para o impacto da *internet* e das tecnologias em nossas vidas, nos oferecendo algo como uma via de mão-dupla para a análise de tais

² “[...] on peut être sûr que l'homme y est une invention récente. [...] L'homme est une invention dont l'archéologie de notre pensée montre aisément la date récente. Et peut-être la fin prochaine.” (FOUCAULT, 1966, p. 398)

objetos, isto é, colocando em questão a comum ideia de que a internet e as tecnologias devam ser vistas sempre como invenções maravilhosas (HAN, 2017; 2018a; 2018b; CRARY, 2012; 2013; 2014; MOROZOV, 2011; 2013; 2018).

A sociologia, a filosofia, a psicologia, bem como as outras ciências humanas, nos auxiliam no entendimento dos impactos causados pelo avanço do capitalismo no mundo, com a chamada Revolução Técnica, ou como é mais comum de se ouvir, Revolução Industrial. E, não obstante, assim como em outras áreas de conhecimento, com o passar das décadas e séculos, houveram distintas e inúmeras adaptações, nas maneiras de se averiguar cada período histórico. É neste sentido que fala-se em outra “virada técnica”, a qual ocorre por volta de meados do século XX, sendo chamada de revolução computacional, informacional, ou, simplesmente, de revolução da informática; responsável por impactar decisivamente a forma de ser, agir e pensar dos sujeitos, após sua emergência. Em termos foucaultianos, diríamos que ela constitui subjetividades.

Daí a necessidade de se aliarem estes novos conhecimentos às veredas genealógicas (e vice-versa), para o desbravamento das subjetividades contemporâneas. Se genealogia, como fora dito, é a inserção de um “Si” no âmbito do relato histórico, o ato de se pautar as análises da maneira mais dinâmica e plural o quanto for possível, é entender que justamente este “Eu” na história não é, e nem pode ser, objeto apenas de uma vertente de olhar e entendimento.

No mundo em que vivemos, nada (ou pelo menos quase nada) é feito sem que o uso da internet e do computador estejam, direta ou indiretamente, atrelados às nossas tarefas. Os aparelhos se tornaram mais sofisticados, reduziram de tamanho, invadiram mais espaços, estando presentes inclusive não só em nossa vida pública, mas também em nossa intimidade. Os *softwares* tornaram-se mais precisos, oferecendo-nos cada vez mais utilidade: da produção de textos à organização da agenda de tarefas semanais; do controle cardíaco à avaliação da bolsa de valores; da vigilância de uma casa a de uma cidade inteira; enfim, nada parece escapar dos inúmeros *apps* e *gadgets* ultramodernos que temos hoje à nossa disposição.

Assim, tendo em vista que os avanços técnico-informacionais estão extremamente presentes em nosso meio, percebe-se que eles são particionados em diversas áreas do conhecimento e, em uma miscelânea de segmentos. Gostaríamos de destacar um que atualmente vem sendo profundamente trabalhado nas ciências humanas diversas: o fenômeno do *big data* (nova forma de se organizar, coletar e distribuir dados diversos sobre indivíduos que estão no meio digital).

A título de exemplo, nas ciências sociais, desde o início do século XXI, há a presença de um ramo específico para debatê-lo: a sociologia digital³. Vários são os trabalhos que demarcam epistemologicamente esta zona de saber. À primeira vista, celeremente, poderíamos mencionar o artigo de Andrew Abbott (2000), no qual, desde o início do século XXI, estabeleceu quais seriam os principais desafios que viriam, com os avanços informacionais, àqueles que se propunham ao estudo da sociologia: “Um desses desafios estava diretamente relacionado com as transformações tecnológicas e a produção massiva de dados.” (NASCIMENTO, 2016: p. 19) E o fenômeno dos dados se intensificou durante o passar dos anos, indo além, sendo incorporado por outras faculdades de saber.

Segundo a pesquisadora Deborah Lupton, “Em resumo, agora, nós vivemos em uma sociedade digital” (LUPTON, 2009, p. 2). Esta afirmação combina uma infinidade de fatores que, desde 1989, com os avanços informacionais da *World Wide Web* (o conhecido espaço *www*), vêm progressivamente afetando a sociedade e a vida, principalmente a vida íntima. Em larga escala, segundo denota Lupton, os eventos em torno da inserção das tecnologias digitais, viabilizados pelo computador doméstico, desde 1994, ocorrem de vento em popa. Com a virada do século, precisamente a partir de 2001, diversas foram as plataformas e dispositivos que causaram impacto sobre a vida social: *Wikipedia*; *Facebook*; *Twitter*; *Youtube*; *Google*; *Reddit* etc.; figuram entre algumas das inúmeras redes sociais e mecanismos digitais que, de alguma forma, modificaram o *ethos* dos sujeitos contemporâneos (LUPTON, 2009, p. 2).

Todos os diversos aplicativos presentes em dispositivos tecnológicos que se conectam à internet geram dados. Seja o armazenamento de dígitos bancários; perfis socioeconômicos; pessoais; ou, rastros de pesquisas; enfim, de alguma maneira, nosso uso ininterrupto da internet coleciona informações que são de grande valor. Essas informações se tornam um precioso material que rastreia interesses pessoais e costumeiramente identifica potenciais propensões dos indivíduos junto ao mercado, à política etc. Isto é, poder-se-iam identificar

³ Marcadamente, o termo *digital sociology* (sociologia digital) emerge em 2009, em um artigo de Jonathan Wynn, do Smith College, intitulado “Digital Sociology: Emergent Technologies in the Field and the Classroom”: “Tendo como inspiração a obra *Telling About Society*, de Howard Becker, suas preocupações estavam relacionadas a aspectos metodológicos da pesquisa, tais como o uso de gravadores e máquinas fotográficas digitais, e as mudanças em sala de aula através de apresentações audiovisuais. Ele descreve o que seria o próximo estágio da sociologia e que ‘deveríamos treinar os estudantes para serem reflexivos em relação à tecnologia’.” (NASCIMENTO, 2016, p. 220, 221) Não obstante, entendemos que o principal objetivo – e desafio – da sociologia, seria o de adequar a pesquisa e os rumos que ela iria tomar junto aos avanços tecnológicos nos seus mais variados graus e exemplificações. Ou seja, os novos pesquisadores devem deixar de lado a relutância em tratar e entender os novos desafios sociais, na era da tecnologia, devendo colocar de lado a tecnofobia. Do mesmo modo nos indagamos: se, desde o início deste século, os sociólogos se incubem, à sua maneira, em tentar entender o que é este período da internet no qual vivemos, o que faltaria para a filosofia e a psicologia tomarem para esta tarefa?

possíveis mercados para um produto A, em um nicho B, a partir do interesse pré-disposto e pré-elaborado no entorno daquele determinado produto. Não à toa, quando pesquisamos algo no *Google*, nossas redes sociais logo em seguida nos mostram os descontos daquele produto, ou, nos bombardeiam com anúncios sobre ele. *Grosso modo*, este é o fenômeno dos *big datas*, na sua forma nua e crua. E ele interfere em nossas vidas, ainda que somente alguns o percebam mais que a grande maioria.

5 CONCLUSÕES E ENDEREÇAMENTOS PROVISÓRIOS

À guisa de conclusão, torna-se urgente e necessário, então, uma analítica dos eventos digitais. As potencialidades já aferidas da genealogia podem e devem ser manuseadas como fator decisivo no apoio ao entendimento das nuances históricas, das particularidades e mudanças, nos avanços da internet, principalmente se levarmos em conta um tema tão atual quanto o dos “*big-datas*”. Assim, é de suma importância atentarmos a esse efeito, buscando, é claro, um meio termo, isto é, uma mediania entre o que oscila, segundo Nascimento (2016, p. 224), da tecnolatria à demonização do digital. Como também já foi citado, uma série de corporações – as chamadas *big techs* – são responsáveis pelo armazenamento destes dados e, parafraseando Nascimento (2016, p. 225), eles devem ser sempre pensados de forma dinâmica juntamente aos comportamentos da vida humana e à vida em sociedade. Com efeito, produz-se um modo perspectivo de analítica genealógica que é uma profanação metodológica e permite pensar a internet sem moralismos pessimistas e/ou salvacionistas.

A profanação implica, por sua vez, uma neutralização daquilo que profana. Depois de ter sido profanado, o que estava indisponível e separado perde a sua aura e acaba restituído ao uso. Ambas as operações são políticas, mas a primeira tem a ver com o exercício do poder, o que é assegurado remetendo-o a um modelo sagrado; a segunda desativa os dispositivos do poder e devolve ao uso comum os espaços que ele havia confiscado (AGAMBEN, 2015, p. 37).

A novidade nesta nova utilização de dados, que existem desde os censos e do uso em larga escala de celulares a nível mundial, é a velocidade no acesso e no cruzamento de informações na internet para o alcance de tais resultados, ou, do mesmo modo, para sua produção (NASCIMENTO, 2016). Neste sentido, vale cartografar as linhas da genealogia como um artefato-dispositivo em que há um diagrama de forças em multiplicidades

heterogêneas de práticas a desemaranhar para que seja feita a problematização história de poderes, saberes e subjetividades. Logo,

Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de “trabalho em terreno”. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal (DELEUZE, 2005, p. 01).

Entender o peso de tais mudanças e como elas geram efeitos na maneira de agir, consumir, pensar e ser, desta sociedade que está imersa num mundo de dados e que hoje a rodeia, é crucial, tanto para a psicologia, quanto para as outras ciências humanas. Entender também o que é a produção massiva de dados ajuda na formação de um cidadão consciente de seus direitos, bem como, em suas próprias escolhas enquanto utilizadores de tais tecnologias, para que não se tornem pessoas que criam dados “deliberadamente ou sem saber” (NASCIMENTO, 2016, p. 234).

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, Andrew. “Reflections on the Future of Sociology.” In: *Contemporary Sociology*, v. 29, n. 2, p. 296, mar/2000. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2654383>
- AGAMBEN, G. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ARAÚJO, Inês L. *Foucault e a Crítica do Sujeito*. 2. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2008.
- CANDIOTTO, Cesar. “Foucault uma História Crítica da Verdade.” In: *Revista Trans/Form/Ação*. São Paulo, v. 29, n. 2: p. 65-78, 2006. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732006000200006>
- CANDIOTTO, Cesar. *A dignidade da luta política: incursões pela filosofia de Michel Foucault*. Caxias do Sul/RS: Educs, 2020.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Trad.: Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CRARY, Jonathan. *24/7 - Capitalismo tardio e os fins do sono*. Trad.: de Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- CRARY, Jonathan. *Suspensões da visão: atenção, espetáculo e cultura moderna*. Trad.: Tina Montenegro. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Trad.: Verrah Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DELEUZE, G. *Foucault*. Tradução Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. "Le sujet et le pouvoir." In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II*. 1976-1988. Paris: Quarto Gallimard, 2001.

FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a genealogia e a história." Trad.: Marcelo Catan. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Org.: MACHADO, Roberto. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, p. 55-86, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Les Mots et les Choses: une archéologie des sciences humaines*. Paris: Éditions Gallimard, 1966.

FOUCAULT, Michel. *Naissance de la biopolitique: cours au Collège de France (1978-1979)*. Paris: Gallimard/Seuil, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Surveiller et punir: naissance de la prison*. Paris: Éditions Gallimard, 1975.

GROS, Frédéric. *Michel Foucault "Que sais-je?"*. Paris: Presses Universitaire de France/Humensis, 2017.

GUTTING, Gary. *Foucault: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2005.

HAN, Byung-chul. *No exame: perspectivas do digital*. Trad.: Lucas Machado. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018a.

HAN, Byung-chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Trad.: Mauricio Liesen. BH/Veneza: Editora Âyiné, 2018b.

HAN, Byung-chul. *Sociedade do cansaço*. Trad.: Enio P. Giachini. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

LEMOS, Flávia C. Silveira. & CARDOSO JR. Hélio Rebello. "A genealogia em Foucault: uma trajetória." In: *Psicologia & Sociedade*; v. 21, n. 3, p. 353-357, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300008>

LUPTON, Deborah. *Digital Sociology*. New York: Routledge, 2015.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. (Kindle Edition).

MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. Tradução: Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Rev. Interd. em Cult. e Soc. (RICS), São Luís, v. 8, n. 2, p. 193-208, jul./dez. 2022
ISSN eletrônico: 2447-6498

MOROZOV, Evgeny. *The net delusion: the dark side of the internet freedom*. New York: Public Affairs, 2011.

MOROZOV, Evgeny. *To save everything, click here: the folly of technological solutionism*. New York: Public Affairs, 2013. (Kindle Edition).

MUCHAIL, Salma Tannus. *Foucault, simplesmente*. São Paulo: Edições Loyola. 2004.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia*. Trad.: Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NASCIMENTO, Leonardo F. “A Sociologia Digital: um desafio para o século XXI”. In.: *Sociologias* [online]. vol. 18, n. 41, p. 216-241, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-018004111>

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

RABINOW, Paul. & DREYFUS, Hubert L. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad.: Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

REVEL, Judith. *Dicionário Foucault*. Trad.: Anderson A. da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2011.

SOMMER, Andreas U. *Kommentar zu Nietzsches Zur Genealogie der Moral*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2019.

VIESENTEINER, Jorge L. “O conceito de vivência (Erlebnis) em Nietzsche: gênese, significado e recepção”. In: *Kriterion*, Belo Horizonte, nº 127, p. 141-155, Jun./2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2013000100008>

WOTLING, Patrick. *Vocabulário de Nietzsche*. Trad.: Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Coleção Vocabulário dos Filósofos)